AZEMEL VIMARANENSE.

N.° 6.

Aqui vão troando
Os écos das bombas,
Que estourão nas trombas
Dos Rhyneçorontes.

Fel. Elis.

Preço 40 réis.

Sexta Feira 14 de Fevereiro de 1823.

ESPIÕES.

Com o titulo de segurança publica pedio o Ministro da Justiça; e as Cortes sancionarão o desperdicio de 10:000,000 para pagar a espiões, que louvado seja o Senhor Deos de Israel forão julgados precizos para salvar a patria de *Manoel Fernandes Tomás* dos inimigos externos, e internos!!! Como seja licito ao Cidadão expor sua opinião, nós francamente apresentamos a nossa, que quiçá naõ será a melhor, por isso que a infalibilidade não é o nosso forte. Esta medida é indigna, e irritante, e inutil para os fins para que foi sancionada. Que ela é indigna se evidenceia porque estabelece como prēcizão o exercicio do vicio, e da desmoralização, e um Governo justo, liberal, e amado, um governo regenerador deve lançar mão para enraizar-se de meios virtuosos, e não corrutores: por outra não deve seguir a estrada que trilhava o despotismo. Quando os portuguezes se reunirão ao brado libertador, e o nacionalizarão, foi na consoladora esperança de melhorar suas instituições, de derrubar a entonada cerviz do despotismo, e de dar valor ao merecimento, moeda, que já avia tido valor real em as praias da Lusitania, porém que infelismente corre safada, e quasi em descredito. Como pode compatibilizar-se a idéa de que para ser feliz é mister primeiro ser vicioso? Tudo o que é util é onesto? Não deve ser todo o portuguez virtuoso, não o manda assim o nosso Estatuto nacional, e pode dizer-se q̃ um *Espião* é um ómem virtuoso? Pode ser chamado assim aquele que tem por oficio o pesquizar as ações, os passos, e até o pensamento dos seus concidadãos! Que é assalariado para denunciar o seu semilhante, vitimando-o milhares de vezes ao seu odio, lançando a desconfiança no seio da sua patria, e tornando suspeitosos a seus irmãos! Que oficio á na sociedade mais vil do que o de espião? A espionagem era a arma favorita do *Marquez de Pombal*, e modernamente o foi do escandelosamente celebre Duque d' *Otranto*, desse *Fouché*, que sendo ex-frade de *Nantes*, morreo sendo embaixador de *Luiz XVIII.*, daquele mesmo, de cujo irmão ele avia sido regicida tenebroso. O ilustre prosioneiro de *S. Elena* conseguio em o tempo de seu imperio elevar a espionagem a tal perfeição, que metade da França espionava outra metade, mas alfim ele caío, e seu colosal imperio se desfês. Os espiões só são uteis para prorogar a existencia do despotismo; e nunca são as amarras de uma náo constitucional: são bons para sustentar o poder, mas nunca o governo.

Os apologistas da espionagem argumentão com os inimigos externos, e internos, e dizem que o Ministro da Justiça não pode ser responsavel por a segurança publica sem o tenebrozo auxilio destas almas venaes, e corrompidas. Pergunto, que podem dizer os espiões estrangeiros, que não tenhão dito as notas de *Metternich*, e *Nellserold*? Não dizem elas, que os gabinetes de *Vienna*, *Petersburgo*, e de *Postdam* não reconhece a liberdade *Peninsular*? E qual será a consequencia? A guerra, e a invazão. Para saber isto não é mister a coorte da espionagem: além disso de que servem os *Enviados*, e *Ministros acreditados*? De que servem os brados

dos Periodicos? a coorte da espionagem de certo não áde atalhar o passo do inimigo; se á vontade de resistir-lhe siga o Ministerio Luzitano a eroica trilha do de *Santo Ildefonço*; abra as paginas da república franceza, lance mão dos recursos, que lhe ministra o valor dos portuguezes, e não siga o metodo do *Araujo* que vio os francezes ás portas de *Abrantes*, e a dormentava o coração de seu monarca com ilusorias ideas de paz,

A espionagem é inutil para descobrir os nossos inimigos internos: estes se descobrem por si mesmos, e se ufanão declarar-se inimigos do atual systema: se a maioria da nação ama o systema, não se segue que seja a totalidade: e nós desgraçadamente vemos q̃ o numero dos corcundas cresce rapidamente, o que é devido ao natural descontentamento das reformas, que serceião interesses particulares, ao calor reverberante de *Verona*, e á estranha frouxidão do Ministerio. *A* sua existencia está provada sem espiões, sem espiões se conhece o seu fim, e os inimigos não se ocultão. O senhor *Campos* nobremente combateo esta medida, mas é quimerico o que disse o senhor *Moura*: = *A Constituição, e as Leis salvão o recinto da casa do Cidadão, e os seus direitos.* = *A* caso os espiões trarão subscrito? Não é a casa do cidadão aberta á amizade, ao parentesco, ás relações, e até á desgraça? E seria á primeira vez, que um vil espião se oculte no manto da amizade, do parentesco, e da desgraça? Como fugir-lhes? Como evitar seu veneno destruidor? O desgraçado, que é vitima de sua lingua pestifera não é ele esposto aos efeitos perniciosos da suspenção do *Habeas Corpus*, ao engano, ou malicia de um Ministro de Justiças, não é ele privado de tudo, o que á mais caro na sociedade? Como recuperar-lho? *A* verdadeira espionagem, o verdadeiro e genuino modo de salvar a náo do Estado é obrigar os magistrados territoriaes, á cumprir o seu dever, a vigiar de dia, e de noite por a segurança individual: a fazer executar a lei, e a serem constitucionaes: Pais da patria, quereis salvar a nação das garras dos inimigos internos? Aumentai o numero de seus amigos: e como? *Ao* mesmo passo que fizerdes quarenta descontentes, que o Ministerio faça cincoenta satisfeitos; pagando aos desgraçados aquem o tesouro deve; dando ao merecimento, e não aó patronato os lugares publicos: castigando os ministros, que se prostituem, e fazendo ver ao povo, que só reina o imperio da lei, e da justiça: conheça o povo que não é ideal a Constituição: fazei-lhe ver q̃ as contemplações se acabarão, se são precisos sacrificios das paixões umanas, dai vós o exemplo: contribui para as despezas da patria, e levantai forcas onde ouverem inimigos internos; dai finalmente energia á nação: premio, e castigo, valor ao merecimento, e odio eterno á patronagem, e ir pagando o q̃ se deve, eis a verdadeira espionagem. Pais da patria, não diga a posteridade, em quanto esqueletos viventes pedião pam ao tesouro, que lho devia, o tesouro dava 10:000,000 ao Ministro das Justiças, para gastar com quem quizesse á seu bel prazer, e sem responsabilidade de contas: em quanto se pregava na Constituição virtude, se lesgilava a espionagem, em quanto a santa aliança ameaçava invadir a nossa patria, as Cortes se ocupavão em discutir uma arroba de tabaco para as ventas do Bispo de *Pekim*.

—o—

CORRESPONDENCIA.

Sñr Redator,

Lendo o N. 35 da Trombeta Lusitana, qual não foi minha admiração ao ver, que minha vida privada não foi bastante a por-me ao abrigo da matilha d' improperios, que sobre mim descarrega seu infame Redator! Em quanto o Concelho dos Juizes de Fato, cuja convocação eu passo a requerer, não decide judicialmente sobre a veracidade das asserções ali escritas, julgo do meu dever para prevenir qualquer juizo, que meus Concidadãos possão formar a meu respeito, responder ás injuriosas calumnias, com que o Sñr Trombeteiro se dignou regalar-me.

Principiemos pela galante genealogia, que me atribue o craneo eivado do tal Trombeta: Diz ele que devo o nascimento a um ómem, que foi azemel dos Francatrós desta vila. Ora viva, bem ója, já que não fas se não enfadar-se! Mas diga-me Sr. Trombeteiro, que relação pode aver entre meu nascimento qualquer que seja, e minhas qualidades pessoaes a que V.m.

parece dirigir seus tiros? E não sabe V.m. que os Religiosos Franciscanos jámais tiverão azemeis? Não sabe, que estes Religiosos em virtude da sua profição não possuem cavalgaduras? Que a Burra de S. Francisco é ente que não ocupa espaço na natureza? Mas deixemos tão frivolas disputas em q̃ sem enojo me não posso demorar: não sou aristocrata por sentimentos, ou principios, e por conseguinte invetivas deste lote jamais me fizerão mossa.

Vamos agora examinar outro ponto que interessa todo o ómem, que sabe apreciar sua opinião, e credito: Diz o tal embusteiro, que eu sou um Frade desmoralizado em toda a extenção do termo. E as provas Sr Trombeta? Por agora atos nulos: veremos se as apresenta ao Jury. A' ! Sr Trombeteiro, se eu fizesse nesta vila o papel que o Diabo Cambado representou em Angra, se eu impozesse á multidão com os mais ridiculos embustes para tornar odioso, e conseguir a morte de um rival, se eu acendendo o fogo da guerra civil, guiasse os punhaes fratricidas dos portuguezes contra o peito de seus irmãos, se eu abusando dos direitos da mais vergonhosa vitoria fisesse meter em uma sordida cavalharice duas Senhoras; que alem de suas qualidades só por seu sexo se farião respeitaveis aos olhos de todo o ómem bem nascido, que não fosse o Diabo Cambado, então seria desmoralisado em toda a extenção do termo: mas o frade contra quem inveiva o Sr. Trombeteiro nem escandeliza com suas ações nem prega a sedição em seus discursos.

Acrescenta mais o Sr. Trombeta, que sou Franc-Mação: Ora aparem esse pão á unha! E o toleirão do Trombeteiro já vio o meu diploma, ou tem dele alguma copia? Se eu embrulhasse em uma fraze atribillaria as mais revoltantes mentiras, se mimoseasse o Corpo Legislativo com os epitetos de Pedreiros, se clamasse contra o pertendido despotismo do Ministerio, se procurasse desvairar a opinião publica, e mostrar aos meus Compatriotas o belissimo quadro, que o vertiginoso caco do Diabo Cambado oferecera á desgraçada Ilha Terceira, então era Catolico Romano, era da mesma Orthodoxia do Trombeta, era um Santo; mas como nada disto faço sou um Mação, sou um Diabo! Ora meu Trombeteiro deixemos ao Jury a liquidação da contenda, e por agora só lhe respondo: antes Mação, q̃ Trombeta.

Diz mais, que sou um farrapão, mas muito protegido pelo Ministro das Justiças: Eu confesso Sr Trombeta, que nada mais possuo que a decente sustentação do meu estado, e só com isto minha ambição fica calada, pois sou frugal por natureza. Mas como combina a balofa cabeça do Trombeteiro, que um ómem tão patrocinado por um Ministro de Estado, e Ministro tão prevaricador em seu conceito viva na indigencia a ponto de merecer o nome de farrapão em despeito dos serviços, que lhe tem feito? Eu conheci apenas este Ministro quando levei ao trono minhas queixas contra a prepotencia de meus Confrades, e se ele tivesse obrado a respeito do Sr. Trombeta com a mesma justiça que então obrou.... ai da sua cabeça!

Diz finalmente o toleirão Trombeteiro que eu fui expulsado do meu Colegio por nada..., Fale, não se engasgue Sr. Trombeta. A' que fim aquela reticencia? E' esta a linguagem dos calumniadores, e embusteiros. Ora Sr. Trombeteiro eu o conjuro pela onra, se V. m. a tem, eu o conjuro pela Nação, perante a qual pertendeu injuriar-me, a que explique o sentido encoberto na tal reticencia, se o não faz desde já protesto, que o Redator da Corcundal Trombeta é um impostor, um mentiroso, e um malvado.

Rogo-lhe Sr. Redator do Azemel a graça de inserir esta no seu Periodico.

Sou seu muito atento venerador

Fr. Rodrigo Joaquim de Menezes.

Guimarães 10 de Fevereiro de 1823.

DUAS PALAVRAS AO EXCELENTISSIMO DA "TROMBETA". (N.º 3.)

Foi-nos mui agradavel a trombetada, com que V. E. mimoseou o pequeno *Azemel*, em o seu numero 35. Se V. E. o trombetasse com as armas da verdade, nada lhe retorquiriamos, porém como V. E. mente, tenha V. E. paciencia, e vá ouvindo, e perdoe a limitação. — Mente V. E. quando diz que os coloboradores do *Azemel* são os quatro indeviduos, que V. E. abocanha: nem são quatro, nem são aqueles. Mente V. E. (ou quem quer que é), quando lhes chama tenebrosos mentecatos: mentecato é V. E. q̃ bem o deixa ver o despovoado da sua caximonia, quando lá por a ilha III fez das suas, quando se rebelou contra a sua patria, que lhe dera o ser, e revestira de onras postos, e perinducalhos o matematiao cadaver de V. E.: tenebroso é V. E. que

prefere a escuridão do absolutismo á claridade da Constituição, no que mostra gostar das trevas. *Mente V. E.*, quando avança o irrizorio disparate de que os Redatores do *Azemel* são *Mações*, e *Comissarios* do *G. O.* Segundo a logica de *V. E.*, todo aquele escritor, que em seus escritos não declamar - o *Zé* é um monstro, o *Manoel Gonçalves* é intruzo, o *Quintela* é traidor; o q̃ não gritar *viva a Rainha*, viva o *Peixoto*, e o *Acurcio*, as *Cortes não prestão, &c.* é Pedreiro. Ora vivão os miolos de *V. E.* Estará *V. E.* preparado para mostrar a patente do *Azemel*, e o *Maçonico Diploma* da sua missão? Quando *V.E.* assim avança tão grauda sandice, mete dó áqueles, que conhecerão o entendimento de *V. E.* no seu *Zenith*, e agora o olhão no seu ocaso.

Diz *V.E.* no seu aranzel encomendado, que o *Azemel* é redigido por a estupidez: e *V. E.* mete-se com tolos? E como prova *V. E.* a sua estupidez? Como? Otimamente: procura denegrir o carater moral dos que alcunha redatores, e daqui tira a conclusão da estupidez do papel: Brava, *Exm.* º, gosto disto; isto é discorrer á matematica: Ora com licença de *V. E.*, nós ajustamos a ôca cabeça da sua trombeta a mesma carapuça. Todo o ómem desmoralizado é estupido, ora o trombeteiro é máo cidadão, máo portuguez, anarquista, e revolucionario, logo segue-se q̃ o Trombeteiro é um toleirão.

Mente V. E., e o seu informador, quando diz q̃ o *Azemel* é protegido pelo *Ministro da Justiça*: este Sñr. nada tem com o *Azemel*, nem o *Azemel* com o *Ministro*: n'alternativa porém o *Azemel* preferia sempre a proteção d'um Regenerador da Patria, á imunda proteção da infame corja de corcundas, que soprão aboquilha do seu instrumento.

Tãobem mente *V.E.* quando diz que os artigos do *Azemel* são encomẽda da capital, e que de lá vem os originaes: diz *V. E.* que a fraze é a mesma do *Cençor*. Pobres miolos de *V.E.*! Todos os pretos de Lisboa com os seus basculhos alimpar-lhe as teas d'aranha do seu Exm. º toutiço nada farião. Como se compatibiliza a proteção *Ministerial* com afarropilhagem dos Redatores? Como a frazeologia da estupidez do *Azemel*, com o frazeado do *Cençor*? Que grande entendedor é *V.E.* de frazes!! E' caco velho, e basta.

Mente mais *V.E.* quando diz em seu apontoado, que o fim, e a missão do *Azemel* é subverter a Religião, perverter o povo, e fazer-lhe perder o respeito ás autoridades Eclisiasticas; que os Redatores são *Atheos*, q̃ propagão o *Ateismo*, e q̃ querem levar o *Clero* á guilhotina. Isto sñr Trombetinha são efeitos de Lua; *V. E.* é aluado infalivelmente. Ora diga-me, se o *Azemel* é estupido como pode ele prégar o *Ateismo*? O Almocreve de *Meca* prégava a tolos, mas o almocreve tinha talento. Em q̃ numero do *Azemel* leo *V. E.* um só ataque á Religião? Aflige-se por falar no *Arcebispo Primaz*? (*) E' verdade que nós deviamos lembrar-nos do *Par ce Sepultis*: mas lá na cabecinha de *V. E.* o mesmo é falar de um Bispo, que ralhar da *Religião?* Grande logico é *V. E.*!!! Não ralha *V.E.* trombetante dos *Ministros de Estado*, e dos *Deputados?* Não rediculiza as *Autoridades civis?* Não procura desenrolar o estandarte da anarquia? E' permitido a *V. E.* ralhar das autoridades civis, e não podemos nós ralhar das ecliziasticas? *Mestre André* fazei cabeleiras, dizia o sabio de Ferney a seu cabeleireiro, mestre trombeteiro, dizemos nós, fazei a apologia dos corcundas, porém a vossa fantasmagoria não pega, q̃ o povo já não quer sombrinhas.

V.E. quiz indispor os quatro cidadãos, e até falou do cavalo em que monta o *Ajudante* (tãobem o cavalo será *Mação?*); quiz atacar o periodico, e o combateo com invetivas, e personalidades; *V.E.* até proclama o povo q̃ os corrão a vergalho (grande catolico romano é *V.E.*!!!), *V. E.* emfim servio o seu impenho; e obzequiou os seus amigos do novelo, e quiçá ganhou os seus trinta reis: mas q̃ acreditado não fica *V.E.* no conceito daqueles q̃ conhecem os sinco martyres inocentes das suas trombetadas! Talvez *V.E.* cuide q̃ passa por o *non plus ultra dos Periodiqueiros*, pois aqui baixinho, q̃ ninguem nos ouça, passa apenas entre os constitucionaes por um sevandija literario, entre os servis por um eróe, e para comnosco q̃ o conhecemos bem por um *ginja demente, e rabujento*, q̃ no fim da sua vida se pôs a *musico*, e verificou o ditado-- *Depois de velho gaiteiro*.

(*) *Os q̃ se quizerem desenganar do constitucionalismo de Braga, leião a folhinha Bracarense deste ano, q̃ diz - Quarta de Cinza. jejua-se até á Pascoa, menos nos Domingos nos quaes comtudo á abstinencia de carne!!! Eis o liberalismo da cidade convertida!! Mas caluda, senão a Trombeta nos chama Atheo!!!*

GUIMARAENS: IMPRENSA VIEIRENSE.